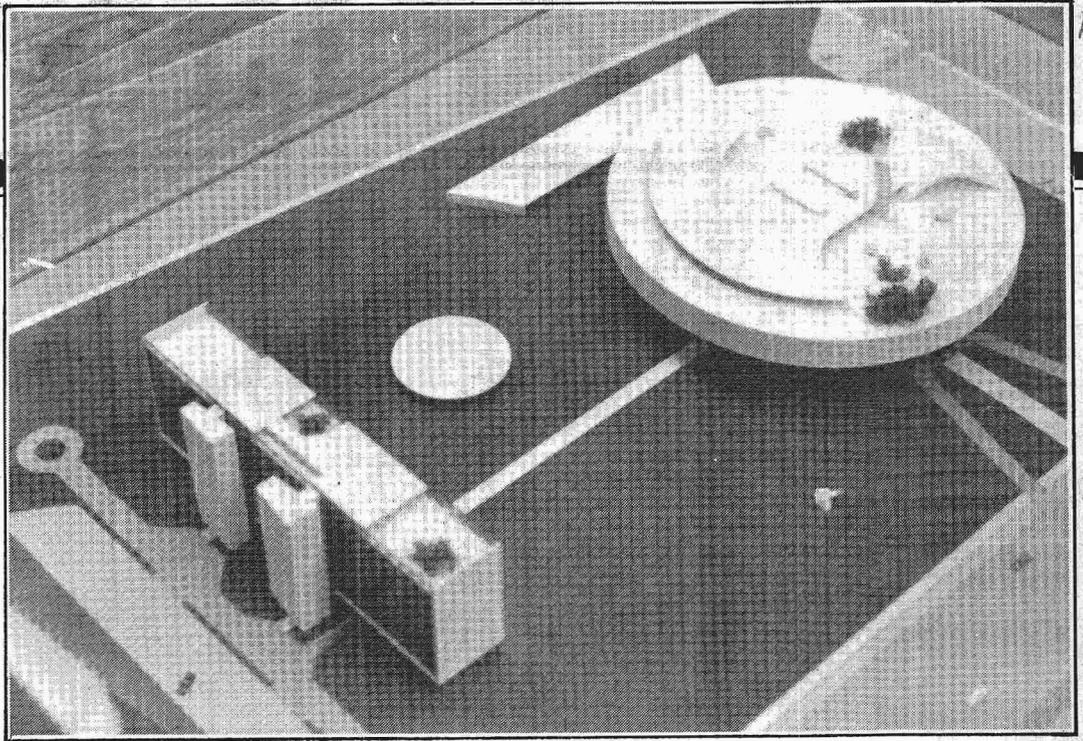


26 Brasília, quarta-feira,
20 de julho de 1988

MILA PETRILLO

O Centro Cultural de Brasília (ou Conjunto Cultural Federal) vem dando munição aos cariocas na briga contra o Distrito Federal

Guerra está declarada

MARIA DO ROSARIO
CAETANO
Editoria de Cultura

O que parecia uma simples briga de artistas cariocas versus Governo do Distrito Federal pela guarda do acervo de artes plásticas do poeta Murilo Mendes, está se tornando, na verdade, uma guerra. A imprensa carioca vem jogando pesado. Não aceita que o Rio deixe de ser a capital cultural do País.

Os sintomas da perda de prestígio do mais badalado "balneário" nacional, estão ganhando proporções paranóicas. Os cariocas indóceis com a possibilidade de perder o acervo de Murilo Mendes, estão vendo "fantasmas" nas cercanias da Biblioteca Nacional e da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Como vilão nesta história, surge o Centro Cultural de Brasília, um "elefante branco" projetado por Niemeyer para sediar a burocracia do MinC, a Biblioteca Nacional, entre outros "projetos culturais".

Vale uma análise de cada projeto, antes que os cariocas componham mais um samba do crioulo doido: o acervo de Murilo Mendes, segundo desejo de sua viúva, Maria da Saudade, será depositado em instituição de segurança máxima e por quem se dispuser a promover concurso anual tendo a obra do poeta mineiro como tema. O governador José Aparecido, em entendimentos com o ministro da Cultura, Celso Furtado, prometeu cumprir as duas cláusulas. Saiu na frente e deixou os cariocas loucos. Vale lembrar que o MAM-Rio andava, desde o incêndio em finais dos anos 70, devagar quase parando. De uns meses para cá, renasceu com força rara. Está botando para quebrar em todas as áreas. Sua Cinemateca, por exemplo, não

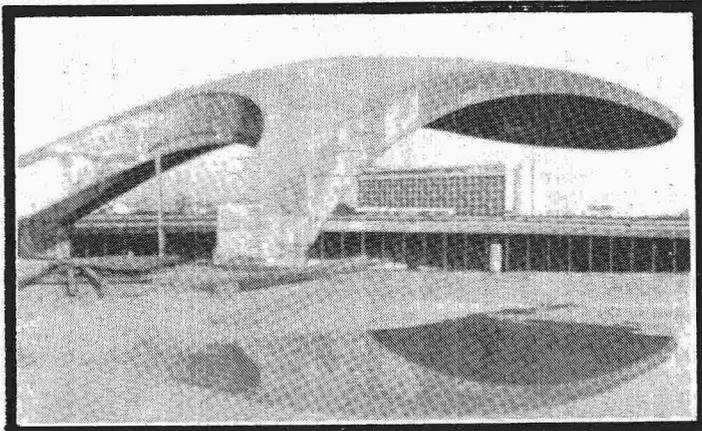
tem medido esforços. Quer, porque quer, voltar a formar os cinemaniacos cariocas, como fazia outrora. O incêndio que destruiu suas salas de exposições, porém, continua pairando no ar como um fantasma.

Que os cariocas queiram o acervo de Murilo Mendes, tudo bem. Eles têm todo direito de brigar por um patrimônio importante. Agora, que se julguem autorizados a monopolizar a vida cultural brasileira, é exorbitante. O Brasil é um continente. O Norte, o Nordeste, o Centro e o Extremo-Sul, têm direito de lutar por projetos culturais próprios. Brasília, inclusive, foi criada para revelar que havia Brasil fora do Sudeste e aquém da margem litorânea.

CENTRO CULTURAL

O entreviro entre a Escola de Artes Visuais do Parque Lage e o IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), é um problema que foge da competência de Brasília. Ou será que a cidade, por sediar o IBDF, é culpada? Aos que não estão acompanhando a briga,

MILA PETRILLO



A possibilidade do Acervo Murilo Mendes ocupar o Museu de Arte de Brasília, ex-Museu do Índio, vem deixando os cariocas indóceis

vale registrar que o IBDF quer de volta o Parque Lage, onde funciona a Escola de Artes Visuais do Rio, para lá montar um Museu de Animais Empalhados.

Será ela, também, culpada pelo interesse de José Aparecido e Oscar Niemeyer em construir, na Esplanada, o faraônico Centro Cultural de Brasília (ou Conjunto Cultural Federal)? Se se fizer uma enquete entre os brasilienses, esta obra será carimbada com o rótulo de "não prioritária". Num país dominado pelo ceticismo, pela descrença na "Nova República", quem defenderá mais palácios para a burocracia? Poucos, muito poucos.

Niemeyer, já octogenário, que ver a Esplanada concluída. Afinal, lá estão suas mais belas invenções. O embaixador Vladimir Murinho, diretor da Fundação Nacional Pró-Leitura, lamenta que entre a Estação Rodoviária e as duas faixas da Esplanada dos Ministérios haja aqueles terrenos vazios, sujos de poeira vermelha e buracos

perigosos. "Muitos visitantes estrangeiros me perguntavam, no Itamarati, por que o centro da cidade continua inconcluso", conta Murinho.

Se a obra vai sair, não se sabe. Só não dá para aceitar que se use a construção de mais este "elefante branco" como argumento de que só o Rio tem o sagrado direito de ser a eterna capital cultural do País. Chega deste papo de que São Paulo é a capital econômica, Brasília a capital política, e o Rio a capital cultural. O Brasil tem que se desenvolver inteiro.

O temor de que a Biblioteca Nacional — que poderá integrar o tal Centro Cultural Federal (que nome, hein)? ou ser construída do outro lado da Esplanada agregada à Cinemateca Nacional e ao Arquivo Público Brasileiro — desfalque o Rio de obras raras e documentos mais raros ainda é resultado de desinformação. O embaixador Murinho jamais defenderá a idéia de se trazer para Brasília o valioso acervo da Biblioteca Nacional. Primeiro, pelos riscos de sua transferência (há lá até um exemplar da Bíblia editado por Gutenberg) e segundo, pelo fato de privar uma comunidade de mais de sete milhões de habitantes de um acervo que está profundamente integrado a ela.

O Teatro Nacional de Brasília não esvaziou o Teatro Municipal do Rio. A Biblioteca Nacional não esvaziará sua xará carioca. E assim por diante.

O ideal, portanto, seria que os cariocas se preocupassem mais com a qualidade de suas produções, perdendo a empatia de eterna capital cultural do País. E que fossem mais críticos e passassem a difundir mais reflexão e invenção, que modismos vendidos via satélite pela Rede Globo.